

## EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

CECÍLIO J. MORALES

*Um programa de educação é requisito fundamental para toda política de desenvolvimento. Tal programa deve mobilizar inteligentemente a cooperação internacional e obter a integração dos esforços dos países que se desenvolvem. A educação do vértice para a base, utilizando as instituições tradicionais em todos os níveis do ensino, é a forma que a experiência demonstra mais eficaz. Desenvolvimento sem educação é votado ao fracasso.*

O PROCESSO de desenvolvimento econômico e social de uma comunidade é, fundamentalmente, um fenômeno cultural. Produz-se quando os membros da comunidade, ou, pelo menos, os grupos que nela têm melhor formação intelectual e maior predomínio social, chegam à convicção de que é necessário promover significativo aumento das atividades produtoras para dispor de quantidade maior de bens que permitam elevar o nível de conforto da comunidade e alcançar eventualmente outros objetivos.

Verifica-se historicamente que o processo de desenvolvimento econômico tem algumas vezes origem na ambição de certos núcleos que querem conquistar para seu país uma posição predominante na política mundial. Dentro das tradições americanas, no entanto, é indiscutível que esse desenvolvi-

mento tem como objetivo fundamental o aumento do bem-estar de sua gente. Requer, assim, o desenvolvimento econômico e social, a existência, em cada país, de um grupo crescente de pessoas cujo preparo técnico, humanístico e científico superior lhes permita assumir as responsabilidades diretivas, no complexo esforço necessário à promoção de tal progresso.

Além disso, as condições variáveis que determinam o processo de desenvolvimento, bem como as demandas novas de ocupações diversas a que o processo dá origem, requerem ao mesmo tempo o preparo e a orientação educadora adequada de todos os membros da comunidade, para que cada um possa trazer sua colaboração ao esforço comum, nas melhores condições.

Do que se infere o papel básico da educação no processo de desenvolvimento. Sem ela, os esforços de uma comunidade para promover seu progresso podem esterilizar-se, com tremendos obstáculos.

O avanço científico e a evolução tecnológica no mundo contemporâneo determinaram mudanças profundas nas condições requeridas pelo desenvolvimento econômico dos países economicamente menos adiantados. Apesar disso, certos setores pensam que esse desenvolvimento pode ser obtido com a repetição dos mesmos processos que foram usados no século passado ou no começo deste, por alguns países, hoje muito adiantados.

A verdade é que, atualmente, não se pode pensar num desenvolvimento vigoroso que não se apoie em base científica e técnica suficiente.

Poder-se-ia, então, afirmar, sem medo de exagero, que um país que queira promover seu desenvolvimento econômico e social deve ter como primeiro esforço intensivo o de formar um núcleo dirigente. É claro que se trata de "dirigentes" no sentido mais amplo da palavra. De modo algum se quer dar à expressão um significado restrito; pelo contrário, o que se considera indispensável é que esse grupo se constitua dando oportunidade de formação e educação superior a jovens provindos de todos os setores sociais, sem qualquer discriminação.

A formação do núcleo de alto nível técnico e científico requer instituições de ensino adequadamente adaptado, algumas vezes criadas e, em muitas outras, reorientadas e modernizadas.

Esse aspecto da questão tem grande importância, uma vez que muitos países que se estão desenvolvendo dedicam já vultosos recursos à educação: fazem-no, porém, visando à formação de jovens em carreiras que seguem velhos hábitos e rotinas, e que não preparam para as funções de responsabilidade do mundo contemporâneo e os problemas que o desenvolvimento acarreta. Assinala-se tal característica em muitos dos cursos de advocacia, de medicina, de odontologia, de arquitetura e ainda de engenharia e de contabilidade (esses últimos obedecendo freqüentemente a programas antiquados), para os quais se dirigem grandes setores da juventude estudantil em países que se desenvolvem, adquirindo uma formação de pouca utilidade concreta para a comunidade e que deixa núcleos insatisfeitos e imaturos, provocando, também, uma situação de desvantagem em relação aos países que modernizaram sua técnica e seu ensino científico.

Nos mais amplos setores da população, o analfabetismo constitui inegavelmente um obstáculo para a obtenção de rápido desenvolvimento na comunidade. A isso se acrescenta o caráter anacrônico do ensino primário em grande parte dos países que se desenvolvem. É, de fato, muito freqüente que tais programas cogitem apenas de ensinar a ler e escrever, mais alguns rudimentos de aritmética e noções banais de história pátria, dadas sem o critério vivo que as faça cumprir seu objetivo de contribuir para o melhor conhecimento da realidade nacional. Ao lado disso, muito pouco se dá que procure formar na criança a consciência das condições da comunidade a que pertence e do mundo e do momento histórico em que vive, oferecendo-lhe, ao mesmo tempo, certa orientação com respeito à sua futura atividade no meio. Dessa escola sai a mocidade com uma desorientação, ou, pelo menos, com uma quase absoluta falta de orientação sobre o que deve constituir sua atividade na sociedade.

Sofre, também, o ensino médio de muitas deficiências, seja o que tende o formar professôres, seja o que dá um preparo de caráter comercial, seja o que deve levar à universidade. Contudo, no nível médio, talvez o problema mais agudo seja o que se apresenta no ensino técnico. O desenvolvimento econômico e social requer a formação acelerada de grandes setores de população em ofícios que visem a melhorar o nível técnico na agricultura, a participar na atividade produtora industrial e em tôdas as atividades subsidiárias de uma comunidade em processo de modernização e de progresso tecnológico.

As políticas, sistemas e instituições de ensino em países americanos são o fruto de experiências, atitudes, hábitos e tradições de cada país. A mudança necessária para que o ensino contribua, fundamentalmente, para o desenvolvimento econômico e social, só pode resultar de uma revisão consciente da realidade e de uma análise crítica dos ajustamentos, das ampliações, das renovações indispensáveis para adequá-los a um objetivo racional, como é o da promoção de seu progresso.

Mesmo quando se põe êsse problema com a maior objetividade, é de esperar que apareçam critérios muito divergentes, para julgá-lo. Especialmente, no próprio campo educacional — e mesmo em algumas instituições universitárias tradicionais —, podem aparecer setores que defendam a manutenção da situação existente, como sendo a que apresenta as condições mais favoráveis ao progresso do país e que, por isso, repilam despreocupadamente qualquer exame crítico ou qualquer sugestão de novos métodos ou orientações.

Apesar de tudo, os problemas do desenvolvimento criaram já em quase todos os países interessados uma consciência vigorosa e o início de numerosos esforços e experiências, visando a essa adequação e orientação do ensino.

#### A COOPERAÇÃO INTERNACIONAL

O vasto esforço iniciado logo após a Segunda Guerra Mundial, no sentido de promover o progresso das zonas menos desenvolvidas, procurou, com os programas de assistência técnica, criar as condições necessárias à transferência rápida da tecnologia e dos conhecimentos científicos dos

países mais desenvolvidos aos que o são menos. Nêles dedicou-se parte considerável aos programas de treinamento, de formação de técnicos e de especialistas, à criação de instituições novas e ao auxílio a instituições educativas já existentes, bem como à concessão de bôlsas em estabelecimentos de países mais desenvolvidos para estudantes dos outros países.

Se bem que a cooperação internacional seja o meio mais eficaz para conseguir tal objetivo, a experiência dos programas de assistência técnica indica, no entanto, que nem sempre os recursos utilizados o foram da maneira mais eficaz (mesmo que, em certos casos, os resultados tenham sido sumamente positivos e no total haja um saldo favorável).

A dificuldade aí, como em muitos outros setores análogos, consiste em que, de um lado, é necessária uma ação rápida e ampla, e de outro os recursos disponíveis são, em geral, desproporcionadamente limitados.

Torna-se, pois, necessário usar, no problema, métodos que assegurem o maior rendimento dos escassos recursos disponíveis. É, também, indispensável que o esforço feito estimule o desenvolvimento de atividades, instituições e atitudes permanentes e genuinamente locais.

Dois exemplos permitem mostrar as limitações, em matéria de eficiência, dos programas de assistência ou cooperação técnica.

Um é o programa de bôlsas. Em alguns países, tais programas foram cuidadosamente organizados e dirigidos por instituições dos próprios países em desenvolvimento que acompanham de perto o aproveitamento dos bolsistas e tratam de utilizá-los nos setores em que se especializaram. Deve-se, contudo, confessar que, talvez na maioria dos casos, os resultados obtidos não foram proporcionais aos esforços feitos.

Para isso concorreram muitos fatôres. De um lado, frequentemente a formação do bolsista, nos países mais desenvolvidos, não teve como orientação a de torná-lo realmente útil à comunidade de onde provinha: o ensino e os processos de investigação nos países em que estudam os bolsistas se condicionam às necessidades dêstes países, necessidades essas em geral muito diversas das correspondentes nos países em

desenvolvimento. Adquire assim o bolsista noções e critérios inadequados e inaplicáveis aos problemas de seu próprio país: de modo que, ao se reincorporar na sua comunidade e ao querer aplicar tais critérios, cria problemas que degeneram em conflitos.

Além disso, o bolsista que vai aprender em países mais adiantados é, muitas vezes, tentado pelo ambiente e pelo nível de vida desses países. Com os conhecimentos nêles adquiridos, consegue oportunidades boas de se empregar e acaba por nêles radicar-se definitivamente.

Por outro lado, verificou-se uma experiência desfavorável no resultado do ensino de especialistas de países mais desenvolvidos para missões curtas nos menos desenvolvidos.

Em primeiro lugar, é freqüente que os especialistas desconheçam as condições sociais, econômicas e técnicas dos países onde realizam suas missões; e no curto prazo em que as realizam não conseguem compreendê-las adequadamente, de modo que seus ensinamentos e suas sugestões não se ajustam às necessidades locais e podem levar a fracassos que chegam a anular todo o seu esforço. Outras vezes, quando isso não acontece, o que se dá é que o trabalho dos especialistas malogra, total ou parcialmente, pela falta de técnicos locais devidamente preparados.

Para evitar que isso aconteça, em alguns casos procurou-se fazer com que a estadia dos especialistas se torne mais demorada ou mesmo permanente. Essa, porém, é uma solução que, além de excessivamente cara, não leva em conta todas as necessidades de assistência e de promoção tecnológica dos países em fase de desenvolvimento, já que a escassez de técnicos não lhes é exclusiva, mas é um problema de caráter mundial. Mesmo os países mais adiantados sofrem dessa falta. De modo que não há outra solução senão a de promover a formação acelerada de um núcleo suficientemente numeroso de técnicos locais.

Esse exame geral do problema mostra que a sua solução está em formar um grupo de técnicos, cientistas e especialistas de alto nível, bastante amplo para assumir a responsabilidade central, no esforço da comunidade para se desenvolver.

Os dois caraterísticos fundamentais dêsse programa, para que tenha êste uma influência real sôbre o processo de desenvolvimento, consistem em realizá-lo com a rapidez necessária e com a necessária amplitude para que seus resultados sejam de fato significativos.

Para isso, deve-se em primeiro lugar ter em conta que tal programa será tanto mais eficaz, sólido e rápido quanto partir dos níveis mais altos para os mais baixos.

Pretender, por exemplo, pôr na alfabetização das massas, pelos métodos tradicionais, a base de um programa de elevação rápida do nível cultural e técnico, é condená-lo a uma demora e a um esforço intoleráveis.

Se, pelo contrário, se trata de formar um núcleo de alta capacidade e se a êle se entregam a iniciativa e a responsabilidade de transmitir seus conhecimentos e sua formação aos níveis inferiores, o esforço pode multiplicar-se geomêtricamente, com grande rapidez, sobretudo por provir de um grupo já nacional.

Convém, pois, concentrar os esforços iniciais na formação de técnicos e especialistas de alto nível. A êles caberá formar os auxiliares de sua própria ação, colaborando também com outros técnicos na formação de novos especialistas de nível alto, ao mesmo passo que os formados em níveis inferiores poderão, por sua vez, ensinar a outros, expandindo a formação até alcançar maiores setores da população.

Em segundo lugar, é de importância essencial reconhecer que a educação deve ser feita por meio das instituições tradicionais. Assim, a educação superior deve caber aos estabelecimentos universitários, sejam os já existentes, sejam outros novamente criados, sejam institutos novos em universidades que já existem. O importante é que, em todos os casos, a instrução educativa de alto nível tenha a estrutura, as tradições, a maneira de trabalhar que correspondem a uma universidade.

Nos programas de assistência técnica experimentaram-se outros métodos: centros especiais, cursos isolados, seminários. Pode-se afirmar que, quase sem exceção, os resultados obtidos foram de qualidade e de eficácia, ou discutíveis, ou seguramente negativos. Sem o ambiente e a tradição de uma

instituição universitária, o ensino não se desenvolveu nas condições de esforço e de responsabilidade técnica indispensáveis a uma formação adequada; do que resulta, com frequência, que dêsses centros e seminários tenham saído pessoas com formação superficial, agravada pela presunção de uma capacidade inexistente, produzindo efeitos negativos quando assumirem responsabilidades em seus próprios países. Pode-se assinalar ao mesmo tempo que a maior parte dessas experiências se caracterizam por seu custo elevadíssimo e pelo fato de que o pessoal docente não possui nível técnico suficientemente alto, conforme se requer para uma instituição de tradição acadêmica.

Dêsse raciocínio se conclui que o primeiro grande esforço a fazer deve consistir numa ajuda para que se modernizem e ampliem as instalações universitárias existentes e para que se criem novas, de caráter permanente, que proporcionem um ensino de nível acadêmico equivalente ao que existe nos centros mais adiantados, para formar especialistas em todos os ramos requeridos pelo desenvolvimento da região.

A fim de conseguí-lo, é preciso, entre outras coisas, que se dêem facilidades aos professôres universitários dos países em fase de desenvolvimento, para que possam assistir a cursos de aperfeiçoamento e realizar estágios de investigação e observação em instituições universitárias de países mais desenvolvidos.

Um programa dêsse tipo, executado de forma sistemática, pode trazer como resultado uma modernização e uma reorientação rápidas nas atividades de ensino de muitas universidades já existentes. Como programa complementar, seria necessário usar as bôlsas para alunos formados nas universidades que nelas se tenham destacado e que exerçam ou venham a exercer carreira docente; ou que se possam incorporar, como professôres, em novas instituições projetadas.

Ao mesmo tempo seria necessário utilizar os recursos para intercâmbio de professôres, de modo a enviar mestres eminentes de países mais evoluídos para que dêem cursos nas instituições dos menos adiantados.

Paralelamente, seriam revistos os planos de estudo e os programas de ensino, seria dada assistência para estabelecimento e expansão de institutos de pesquisas e laboratórios de ensaio, e dotar-se-iam de boas bibliotecas e serviços de documentação as universidades dos países em fase de desenvolvimento. É claro que nem todos os recursos para tais objetivos (nem sequer a parte mais importante deles) deve provir necessariamente da cooperação internacional. Em muitos países pediu-se muito pouco às contribuições nacionais, sobretudo nos setores industriais; ao passo que, em alguns outros, há já experiência que demonstra que, com imaginação e iniciativa, é possível mobilizar somas consideráveis do próprio país, com o mesmo fim.

Existem, de fato, carreiras e especialidades para as quais não se encontraria em qualquer dos países em fase de desenvolvimento uma base suficiente para proporcionar oportunidades de utilização de um número de formados que justificasse a existência de uma escola. Em tais casos, a solução melhor consiste em estabelecer escolas ou institutos de caráter regional que formem técnicos para vários países. Do mesmo modo, na formação de pós-graduados de alta especialização.

Assim, se na maioria dos países há uma demanda suficiente de técnicos em contabilidade e em alguns setores básicos de engenharia, quando se trata da formação de certos especialistas (em física nuclear, economia monetária, etc.) só se pode agir em escala regional.

Dessa maneira, em prazo relativamente curto poder-se-ia criar uma estrutura de ensino superior na América Latina adequada a suas necessidades de desenvolvimento. Apenas para certas especialidades mais avançadas se recorreria às bolsas em países mais desenvolvidos.

Assim se obteria um melhor aproveitamento dos recursos econômicos, utilizando inteligentemente os professores e elevando a nível internacional as instituições universitárias latino-americanas. Far-se-ia, também, um intercâmbio regional de bolsas, dando aos bolsistas a possibilidade de estarem em ambientes semelhantes ao de sua própria pátria e aumentando a vinculação entre os vários países.

Essa orientação seria aplicada especialmente às escolas diretamente ligadas ao desenvolvimento econômico (economia, engenharia, agronomia, administração); mas, deveria estender-se a outras, como medicina (problemas sanitários regionais), direito, etc.

Haveria ainda que desenvolver certo número de escolas de ciência pura, base indispensável das ciências aplicadas.

Na execução desse programa, há que atentar em algumas dificuldades.

Uma é o espírito restritivo, negativista, excessivamente conservador e contrário a quaisquer invasões, que se encontra em certos meios. Outras serão óbices de natureza política que, em alguns países, exercem impacto considerável sobre a vida universitária. Haverá, também, às vezes, uma falta de estímulo para a formação de técnicos de dadas especialidades, ou de oportunidade para exercerem suas atividades no seu próprio país. É, por exemplo, o que se encontra na Argentina onde, se bem que seja reduzido o número de engenheiros industriais formados e se bem que se tenha desenvolvido consideravelmente a indústria, essa não trata de aproveitá-los, havendo muitas empresas que se administram sem a presença, evidentemente indispensável, de um engenheiro industrial.

Conviria, também, procurar fazer com que os diplomas outorgados pelas instituições de um país fôssem aceitos como válidos nos outros, permitindo maior mobilidade dos técnicos formados e seu melhor aproveitamento.

#### CONCLUSÃO

Como conclusão, podemos dizer que se chegou à conclusão de que o esforço educacional e, sobretudo, a elevação de seu nível, constitui um dos três requisitos indispensáveis a uma vigorosa política de desenvolvimento, de modo a promover a integração dos esforços dos vários países nesse setor e a criar um verdadeiro Mercado Comum de Educação e de Ciência.

Tal integração, sendo mais fácil do que a integração econômica e sendo indispensável a essa, permitiria utilizar de maneira mais eficiente e positiva os recursos já disponíveis em matéria de cooperação internacional, contribuindo, por

outro lado, para aumentar, no futuro, êsses recursos. Deveria ser êsse um dos objetivos imediatos da cooperação internacional e poderia iniciar-se por uma conferência dos Ministros de Educação.

Seria preciso determinar as necessidades de especialistas em campos fundamentais, a fim de estabelecer o número e a espécie das escolas para formá-los. Far-se-ia isso utilizando técnicos especializados e agindo por setores, considerada sempre uma perspectiva total e harmônica do problema. Assim, por exemplo, os diretores das escolas de economia se reuniriam para discutir currículos, programas, necessidades de técnicos em cada caso. O mesmo na engenharia e nos outros setores.

Muito importante seria a colaboração das associações interamericanas de profissionais especializados, promovendo-se a formação de tais associações onde não existam. Pode-se assinalar como precedente de grande interesse a Associação Pan-Americana de Engenheiros.

Convém insistir que o esforço educacional não se deve restringir ao setor universitário; nos demais níveis de ensino há problemas de igual urgência, que devem ser examinados minuciosamente, sempre com o objetivo de promover o progresso econômico e social dos países latino-americanos.

Assim se responderá à ansiedade e à pressão crescente que nêles se observam para obter melhores condições de vida.

Não entramos em minúcias; o objetivo fundamental dêste trabalho é chamar a atenção dos responsáveis para a importância essencial dos problemas da educação como meio de promover o progresso social e econômico da América Latina.

Sem querer esgotar o assunto, pretendemos dar uma base para a discussão mais profunda do problema, estudando uma ação concreta para resolvê-lo.

Imbuídos dos objetivos e do espírito da Operação Pan-Americana, cremos indispensável que a vida cultural e a atividade docente e científica dos países da América se integrem, a fim de assegurar uma base sólida e um vigoroso impulso ao progresso do Continente.